

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
NUCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE MAUÉS/NESMAU
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**NARRATIVAS ORAIS: RELATOS HISTÓRICOS DA CIDADE DE MAUÉS-AM SOB A
PERSPECTIVA DE ALGUNS IDOSOS DO MUNICÍPIO.**

MARESSA RÚBIA FREITAS DE PAIVA

**MAUÉS/AM
2019**

MARESSA RÚBIA FREITAS DE PAIVA

O presente artigo será apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Letras-Língua Portuguesa como trabalho de conclusão de curso sob orientação da Profª Ms. Dilce Pio Nascimento.

**MAUÉS/AM
2019**

NARRATIVAS ORAIS: RELATOS HISTÓRICOS DA CIDADE DE MAUÉS-AM SOB A PERSPECTIVA DE ALGUNS IDOSOS DO MUNICÍPIO.

Maressa Rúbia Freitas de Paiva¹

Dilce Pio Nascimento²

Resumo

O presente artigo traz reflexões sobre pesquisas realizadas acerca de estudos relacionados a narrativas orais, mais especificamente as ligadas a relatos históricos feitas pelos idosos do município de Maués/Am. O objetivo geral é pesquisar a cultura e história do município de Maués através das narrativas orais contados por idosos. Para alcançar este objetivo, utilizou-se dos métodos fenomenológicos, com uma abordagem qualitativa, sustentado em uma pesquisa bibliográfica que falam das narrativas orais, história, cultura, memória individual, memória coletiva e memória dos idosos como resgate histórico. A pesquisa de campo foi realizada no município de Maués interior do Amazonas, onde foram coletadas ao todo 30 narrativas de idosos, dos quais foram selecionadas 05 (cinco), por conterem mais dados importantes para a história do município em questão. Através das análises das narrativas observaram-se mudanças de caráter físico, histórico e cultural. Percebeu-se o apagamento cultural, a desvalorização do guaraná, mudanças nos costumes do povo maueense, que aos poucos estão sendo modificados pelo avanço da modernidade. Por este motivo, há a necessidade de resgate cultural para que se mantenha viva a memória e os costumes do nosso povo, com intuito de valorização e preservação de quem somos. Para que possamos fortalecer nossos estudos, o embasamento teórico partiu das obras de Cascudo (1978), Bossi (1994), Todorov (2006) e outros.

Palavra-chave: Narrativas orais;História;Cultura maueense;Memória;Idosos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um tema que sempre esteve presente em minha vida, que é a oralidade, pois desde pequena ouvia as histórias fantasiosas e não fantasiosas que minha avó contava para me impressionar, me causar medo e principalmente para rir. São narrativas fantásticas que até hoje se fazem presentes em meu cotidiano e memória.

Minha avó de 88 anos possuía um vasto conhecimento a respeito da história de Maués, cultura, tradições, mitos e até mesmo de medicina fitoterápica que foram repassados por sua mãe e sua avó, tradições essas que desejo resgatar e documentar para que a minha e as próximas gerações possam ter acesso.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras/NESMAU-Núcleo Estudos Superiores de Maués/Universidade do Estado do Amazonas – UEA, e-mail: maressarubia88@hotmail.com.

² Mestra da Universidade do Estado do Amazonas, lotada no Centro de Estudos Superiores de Parintins, dilcepio12@gmail.com.

A escolha do tema foi a partir da necessidade de haver mais registros a respeito da história de Maués, pois se percebe a escassez desses dados científicos, e uma forma de se obter esses dados são através das memórias dos idosos, que trazem consigo o tesouro de uma vida cheia de experiências e conhecimentos, os quais merecem e valem a pena serem transmitidos aos mais jovens.

Existe também, a necessidade de eternizar as memórias dos antigos com o intuito de preservar a cultura e tradições maueense, que cada vez mais são tomadas pelos elementos de modernização da vida contemporânea.

Assim, este trabalho denomina-se: Narrativas orais: relatos históricos da cidade de Maués-AM sob a perspectiva de alguns idosos do município, onde as reflexões aqui propostas foram construídas a partir de algumas problemáticas encontradas no decorrer da graduação, uma vez que se percebeu que os dados científicos e históricos eram muito escassos no município, surgindo então as problemáticas desta pesquisa.

Em vista disso, a pesquisa permeia indagações como: Quais eram as tradições culturais da cidade? Como surgiu o município de Maués? De que modo essa pesquisa pode contribuir para minimizar a escassez de dados científicos? A partir destes questionamentos, traçou-se o objetivo geral com o intuito de responder as problemáticas apresentadas acima.

Com isso, o Objetivo Geral deste trabalho é, pois, “pesquisar a cultura e história do município de Maués através das narrativas orais contados por idosos da cidade”. Para isso, estabeleceu-se três objetivos específicos, que são: a) registrar as tradições culturais do município de Maués; b) investigar a história de Maués através dos habitantes mais antigos; c) documentar os relatos dos idosos visando eternizar suas memórias.

Para alcançar os objetivos mencionados acima, buscou-se registrar as narrativas dos idosos, deixando-os à vontade para expressar suas experiências vividas, seus costumes, suas crenças, suas memórias, sua individualidade, ou seja, o mundo sociocultural em que vivem. É em razão disso, que este trabalho se baseia na pesquisa bibliográfica e de campo.

Para tanto, a pesquisa bibliográfica, se deu através da leitura de livros sobre o tema, pesquisa de artigos e demais documentos para assim compor o referencial teórico, onde na pesquisa de campo, foram coletadas ao todo 30 narrativas de

idosos da terceira idade que vivem em Maués-AM, sendo que a amostra pautada reflete a um universo de apenas de 05 idosos, por conter mais eventos significativos sobre a história de Maués-AM.

A estrutura deste artigo é constituída da seguinte forma: apresento na introdução os motivos aos quais me levaram a escolher a temática das narrativas orais, como resgate histórico e cultural da cidade de Maués sob a perspectiva dos idosos; faço também neste espaço uma síntese metodológica; apresentando as problemáticas, o objetivo geral e os específicos.

No segundo momento, apresento a pesquisa de cunho bibliográfica, subsidiando o referencial teórico, o qual cita autores que discutem e dialogam sobre as temáticas narrativas orais e sua importância, sobre história, cultura, memória coletiva, memória individual e memórias dos idosos como resgate histórico.

Em sequência, apresento os aspectos metodológicos do trabalho, os quais incluem o método da pesquisa, a pesquisa bibliográfica e de campo, a seleção dos sujeitos da pesquisa, a coleta dos dados para análise.

Dando continuidade, apresento as narrativas coletadas nas entrevistas, discutindo e analisando através dos teóricos citados no referencial teórico, ou seja, faço uma comparação entre o que dizem os teóricos sobre história, cultura e memória a respeito das narrativas de experiência pessoal dos idosos.

Por fim, faço minha conclusão sobre o tema pesquisado e apresento as referências deste artigo.

NARRATIVAS ORAIS

Antes de fazer qualquer abordagem sobre as narrativas orais, faz-se necessário entender o que são narrativas, o qual D'Onofrio (2007) define narrativa como:

(...) Todo discurso que nos apresenta uma história imaginária como se fosse real, constituída por uma pluralidade de personagens, cujos episódios de vida se entrelaçam num tempo e num espaço determinado. Nesse sentido amplo, o conceito de narrativa não se restringe apenas ao romance, ao conto e à novela, mas abrange também o poema épico e outras formas menores de literatura (D'ONOFRIO, 2007, p.36).

Já Todorov (2006) considera que a narrativa é:

Uma mudança, o inexorável curso dos acontecimentos, a interminável narrativa da "vida" (a história), onde cada instante se apresenta pela primeira e última vez. É o caos que a segunda força tenta organizar; ela

procura dar-lhe um sentido, introduzir uma ordem. Essa ordem se traduz pela repetição (ou pela semelhança) dos acontecimentos: o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros. A narrativa nunca obedece a uma ou a outra a força, mas se constitui na tensão das duas (TODOROV, 2006, p.121).

Assim, para Todorov (2006), a “narrativa liga-se a história, à sucessão de acontecimentos, que se ligam na relação passado x presente x futuro construída pela tensão de duas forças”. Para o autor, “narrativa é história e discurso, ela é história porque remete a uma realidade, a acontecimentos que teriam ocorrido a personagens que, deste ponto de vista, se confundem com os da vida real; é a mesmo tempo discurso, pois existe um narrador que relata a história; há diante dele um leitor ou um ouvinte que a percebe”.

Todorov destaca o fato de que, na narrativa, o momento presente não ser aquele em que os fatos narrados aconteceram, mas ser um tempo passado, um tempo que fala dos fatos guardados na memória. É com esses pensamentos que relacionamos as narrativas, as tradições orais contadas em lindas e fantásticas narrativas orais, que perduram ao longo da existência.

Podemos dizer que as narrativas orais são tão antigas, que são postas como uma prática milenar, sendo facilmente encontradas em diversos tipos de textos, especialmente nos bíblicos, que foram passando entre gerações, sendo modificados em decorrências dos registros escritos.

Para Barthes (2008, p. 19) “a narrativa começa com a própria história da humanidade, pois não há em parte alguma, povo algum sem narrativas; todas as classes, todos os grupos humanos têm narrativas”. Narrativas orais são narrativas da “vida”, como destaca Todorov (2006), mas são também histórias de vida. São tesouros semeados na mente de quem um dia as ouviu.

Com isso, destaca-se que as narrativas orais apresentam múltiplas funções, pois além de servir de elo entre novas e velhas gerações, têm o importante papel de fortalecer relações entre pessoas e comunidades, criando uma rede de transmissão de conhecimento que valoriza um saber tradicional e modo de vida ressignificado pela interação por meio da palavra.

Para Bussato (2007), ao analisar a pertinência das narrativas orais aos diversos setores da sociedade, expressa que:

É nesse panorama que vejo a contação de história como um instrumento capaz de servir de ponte para ligar as diferentes dimensões e conspirar para a recuperação dos significados que tornam as pessoas mais humanas,

íntegras, solidárias, tolerantes, dotadas de compaixão e capazes de “estar com” [...] (BUSSATO, 2007p.13).

Com isso, podemos enfatizar que as narrativas orais são de extrema importância para a preservação da memória coletiva, das histórias de suas origens, suas crenças etc., uma vez que estas histórias perpassam por diferentes segmentos da sociedade, nos permitindo aludir que são elos integrantes da cultura e identidade de um povo.

O Brasil, assim como outros países latino-americanos, apresenta como característica fundamental e específica à mestiçagem étnico-cultural, que evidentemente reflete nas criações de tradição oral, mediante marcas pertencentes aos povos que e estabeleceram nesses países: índios, brancos e negros.

Em vista disso, muitas de nossas tradições orais advêm de histórias contadas por negros e índios, que ajudaram a tornar esse país multicultural, deixando as nossas origens, as nossas raízes ainda mais ricas.

Essas histórias passadas de geração em geração, narradas por personagens que muitas vezes fizeram parte desta história, são contadas inúmeras vezes, repetidas diversas vezes, mostrando como é importante que resguardemos e aprendamos as nossas tradições.

De acordo com Heller (2008):

Há certas histórias que narramos só por alguns dias ou semanas depois que aconteceram e logo as esquecemos. Quanto a outras, gostamos de repeti-las inúmeras vezes vida afora. Por vezes uma história desconhecida nos aborrece, ao passo que, noutras prestaremos a máxima atenção ao ouvir a mesma história tantas vezes repetida (HELLER, 2008, p.65).

Com vista no que foi retratado acima, ressalta-se um tipo de narrativa oral, que são as lendas as quais podem ser classificados como “narrativas míticas” que se propõem a explicar a origem ou a razão de um fenômeno.

Essas narrativas, como produto da memória coletiva, modificam-se, adaptando-se aos espaços dos rios e das matas, por onde se desloca o mito. São narrativas que, ao mesmo tempo em que identificam o espaço geográfico do universo narrado, constroem a rede intrincada de memória.

Para Cascudo (1978):

A lenda é um elemento de fixação. Determina um valor local. (...) Iguais em várias partes do Mundo, semelhantes há dezenas de séculos, diferem em pormenores, e essa diferenciação caracteriza, sinalando o típico, imobilizando-a num ponto certo da terra. Sem que o documento histórico

garanta a sua veracidade, o povo ressuscita o passado, indicando as passagens, mostrando como referências indiscutíveis para a verificação racionalista, os lugares onde o fato aconteceu.

[...] a lenda, enquanto forma literária permite ao leitor fazer essa ponte, através dos espaços que a história oferece. É nesses espaços que o leitor entra com a imaginação e com as experiências que são próprias, podendo daí extrair outras, que lhes serão subsídios para criar novas histórias. (CASCUDO,1978, p.23).

Assim, uma das formas de se manterem vivas as narrativas, é quando estas são passadas de geração em geração, mostrando o quão importante são os idosos frente a este desafio, pois para as narrativas são capazes de despertar as memórias apagadas e o desejo de expressá-las, onde o contar histórias, não somente proporciona-lhes a fruição, o prazer e a distração, mas também o resgate de suas memórias e a conservação de sua própria história, uma vez que passam de ouvintes a narradores.

Para Bossi (1994, p. 82), poder contar suas histórias, encontrar ouvidos que as ouçam são extremamente importantes para os idosos, pois, "o vínculo com outra época, à consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos."

Além disso, ainda segundo a autora, a "conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda [...] semelhante a uma obra de arte". Dessa forma, ouvir histórias, resgatar lembranças, reviver e recontar suas memórias, contribuem para que o idoso se encontre como sujeito da sua própria história, afirmando assim a sua importância na sociedade.

Em vista disso, ressalta-se que a história nos faz conhecer o passado para refletir e pensar no futuro, onde a arte de narrar de faz atriz principal do espetáculo, tendo como protagonistas os idosos, que adquirem a experiência, o contato, e que mantém vivos em suas memórias os relatos que permeiam a gênese da humanidade.

PERCORRENDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

A realização desta pesquisa objetivou documentar a cultura e a história de Maués através das narrativas orais contadas por idosos que vivem no município de Maués, tendo por finalidade registrar e eternizar as memórias, tradições culturais do

povo maueense, além de compreender nosso passado e encontrar respostas para as mudanças que ocorrem na atualidade.

O método que fora adotado para a execução deste artigo científico foi o fenomenológico, com uma abordagem qualitativa, pois enfatiza o caráter subjetivo do objeto analisado e estuda as particularidades individuais de cada idoso entrevistado.

O intuito da pesquisa qualitativa foi deixar os sujeitos, no caso os idosos entrevistados, livres para apontar os seus pontos de vista sobre a cultura, história de Maués e sobre suas próprias experiências.

Assim, usou-se o método fenomenológico, que conforme Gil (2008), permiti estudar como “a realidade é construída para cada sujeito e é entendida como o que emerge da intencionalidade da consciência. Não há consciência separada do mundo, o mundo e a realidade existem apenas para um sujeito, o EU, e é ele que lhes dá significado”. Ainda de acordo com o mesmo autor, o pesquisador preocupa-se em esclarecer e mostrar o que é apresentado pelo sujeito e não explicar e nem deduzir com ciências ou princípios, mas leva imediatamente em consideração o que está presente na consciência dos sujeitos.

Esta metodologia possibilitou o registro das experiências dos idosos do município de Maués, permitindo descrever e analisar as características culturais, sociais, históricos e cronológicos. Além disso, permitiu verificar como esses fatores influenciaram na construção e mudanças que a cidade de Maués tem passado ao longo dos anos.

A pesquisa possui natureza exploratória, possibilitando uma maior familiaridade com o tema pesquisado, visto que, o tema abordado neste artigo é pouco conhecido. Por ser uma pesquisa bastante específica, esta assume a forma de estudo de caso, e viabilizou a compreensão dos fenômenos individuais do sujeito e os processos organizacionais da sociedade. De acordo com (GIL, 2008, p. 27) Esta pesquisa envolve “levantamento bibliográfico, documental e entrevista não-padronizada”.

Desta forma, também foi feita uma pesquisa bibliográfica, onde os procedimentos que foram utilizados neste artigo científico, foram realizados em duas etapas: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica ocorreu por meio de seleção de livros, artigos científicos e demais documentos que abordem o tema, com o intuito de aprofundamento científico e intelectual.

Após o levantamento do material, foram escolhidos para embasamento científico autores que publicaram trabalhos relacionados a narrativas orais, história, memória coletiva e memória individual.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Maués, conhecida como a terra do guaraná, é uma das poucas cidades do Amazonas que recebeu o nome de uma nação indígena, isso se deu ao número expressivo de índios da etnia Sateré-Mawé que habitavam a área.

Na língua tupi, Mau, significa inteligente e ueu significa ave da família dos papagaios, daí a palavra tem significado por papagaios falantes, o qual retrata um povo muito inteligente e aguerrido, e Sateré, significa “lagarta de fogo” e é referência ao clã mais importante dentre os que compõem esta sociedade, o que indica tradicionalmente a linha sucessória dos chefes político.

A herança mais significativa desses indígenas para o município de Maués foi a “descoberta” do guaraná e os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo a partir de seu cultivo, que se deu por intermédio do relatório feito pelo jesuíta padre Felipe Betendorf, o qual chamou Maués de Vila dos Maguases, e relatou a experiência ao encontrar as frutas vermelhas arredondadas, que é o guaraná.

Em 1669 os jesuítas fundaram a aldeia missionária de Maguases, e constroem uma capela às margens do rio, porém, a missão religiosa fracassou em 1759. Em 1798, os portugueses Luís Pereira da Cruz e José Rodrigues Porto, fundaram o povoado de “Lusea”, nome este proveniente da junção dos nomes dos fundadores: Lu de Luis e Sé de José. (Estudos sociais, 1991).

Em 1832, Luséa foi atacada pelos índios mawé, que eliminaram o destacamento militar, de trinta soldados, além de muitos moradores brancos. No ano seguinte, com a criação do Município e do Termo Judiciário, a povoação de Luséa foi elevada a Vila. A partir de 1835 a 1840, o local foi cenário de episódios da revolta dos Cabanos que, em número de 880, ali deixaram suas armas.

Ao criar-se a Província do Amazonas em 1850, Luséa era um dos quatro municípios instalados. Em 1865 a Sede Municipal de Luséa passou a denominar-se Vila da Conceição e em 1892, o município recebia o nome de Maués. A denominação provém da tribo indígena dos mawé - iniciadora do cultivo do guaraná na região. Em 1895, o Termo Judiciário de Maués passou a Comarca. Em 1896, a sede municipal foi elevada à categoria de cidade. (Estudos sociais, 1991).

- Lei nº 92, de 06-11-1858, considerada freguesia.
- Lei provincial nº 154, de 11-09-1865, tomou a denominação de Vila da Conceição.
- Lei nº 33, de 04-11-1892, que organiza os municípios do Estado do Amazonas, a Vila da Conceição tomou a denominação de Maués.
- Elevada à condição de cidade com a denominação de Maués, pela lei estadual nº 137, de 04-05-1896.

Quanto à cultura do povo maueense, está diretamente associada ao guaraná, a qual é refletida através de suas crenças, costumes e tradições. Um dos ápices mais atrativos concernentes à cultura do município esta refletida na festa em que se comemora a colheita do guaraná, pois é através desta, que se podem observar as inúmeras manifestações culturais que são expressas no município.

A festa do guaraná, a qual se comemora a colheita do fruto, é uma das principais manifestações da cultura local, pois nela ocorre a escolha da rainha do guaraná, que é considerada a jovem mais bela do município, sendo nomeada a descendente nata da *Uniawsap*³, índia mais bela da tribo Sateré-Mawé, o qual segundo o mito do guaraná, esta jovem ao ver o seu filho morto, arranca-lhe os seus olhos, e deste nasce o guaraná.

Nesta festa, as tradicionais apresentações, estão envoltas da lenda do guaraná e do mito do guaraná, os quais diferem-se por algumas especificidades. Todavia, ambas apresentam em seu teor a magnitude da representação deste fruto para a formação cultural do povo local, bem como designa a sua identidade.

Levando em consideração os argumentos acima, esta pesquisa pauta-se em apresentar narrativas orais, a qual segundo Bonotto (2000) “é um ato social, a partir do qual podemos apresentar às crianças a memória oral e discursiva de um povo, alimentada pelo imaginário popular”, levando em consideração a memória e

³ Nome da índia da tribo do clã dos Sateré- Mawé.

vivências de idosos, os quais transformam as narrativas em verdadeiras fontes de magia, encantos e despertam a curiosidade pelo fantástico.

Em vista disso, apresentam-se as narrativas de alguns idosos concernentes ao guaraná:



Fonte:infoescola.com.br

Para o entrevistado 1, falar de guaraná é falar das nossas festas, especialmente a festa do guaraná, a qual celebra a farta colheita da fruta:

Quando me perguntam sobre o guaraná, eu logo começo a falar sobre como a minha cidade é privilegiada, pois aqui temos a comemoração de uma fruta, que é considerada importante pra saúde da gente. Gosto de contar sobre a lenda do guaraná. Tenho quatro netos que moram em Manaus, nasceram por lá, e toda vez que estão em casa, conto sobre a lenda. Começo assim: aqui em Maués existiam duas tribos, os Mawé e os Mundurukus, elas eram inimigas, viviam em guerra, mas quis o destino que a índia mais bela dos Mawé, se apaixonasse pelo mais índio mais forte da tribo dos Mundurukus. Como as tribos viviam em guerra, os encontros do casal era as escondidas, onde a cada encontro contemplavam a magia da natureza juntos. Um dia, eles foram descobertos, e, o índio Munduruku foi morto. A bela índia ao saber que estava grávida, pediu desculpas a tupã, mais ela enfurecida, lançou um raio tão forte, que a jovem entendeu o descontentamento da deusa. Quando a criança nasceu, a índia temia pela morte do seu filho, e este foi morto pela sua tribo. Então, a índia arrancou um olho, do menino e enterrou, pedindo a tupã, que aceitasse a oferenda, e dizem que de lá surgiu o nosso guaraná. (ENTREVISTADO 1, 86 anos) [áudio digital]

Para o entrevistado 2, falar de guaraná é falar de benefícios, de sua importância medicinal:

O guaraná é uma fruta muito boa, pois dá pra gente fazer muita coisa com ele. Eu cresci tomando guaraná, tenho 93 anos, vou pro CCI, danço, faço minhas caminhadas, e isso com o guaraná no estômago, ele dá sustentação pra gente, faz a gente ficar forte. Eu não fico sem guaraná,

tanto para tomar no dia a dia, quanto para alguma emergência, porque ele também é usado para combater doenças, como a diarreia, pois se você estiver com dor de barriga, e só diluir um pouquinho de guaraná e tomar, o piriri passa rapidinho (risos). (ENTREVISTADO 2, 93 anos) [áudio digital].

Para o entrevistado 3:

Eu gosto demais de tomar guaraná, eu sou guaranalista tirava era de tunelada de guaraná. A árvore do guaraná é muito, muito, não sei nem o que falar, mas a flor dela serve pra dor de cabeça, a folha a raiz pra disenteria, naquele tempo que a gente não tinha médico era muito bom e é por isso que o guaraná diz que ele é muito bom pro cérebro né, eu tomo guaraná até essa idade eu tô com 85 anos e tomo guaraná bastante e não me faz mal e eu tomava e ia pro guaranazal, com terçadão e calça cumprida, como homem no meio dos homens limpando meu terreno lá, eu tenho é um terreno lá no Mirí, tem guaraná lá e tudo de bom. (ENTREVISTADO 3, 85 anos) [áudio digital].

Para o entrevistado 4, o guaraná vem perdendo seu valor frente as atuais gerações, isso porque o mesmo explica, que muitos jovens perderam o hábito e as tradições perpassados pelos seus antepassados, em tomar o guaraná:

Eu nasci e me criei com o guaraná, meu pai era guaranalista, então, naquele tempo não tinha adubos que hoje tem, nós tínhamos que preparar a terra, porque o guaraná, o nativo, o bom mesmo, o natural como a gente pode dizer, é esse que dá no mato, então meu pai preparava a terra, estaquiava, fincava as varas de tantos em tantos metros, ali era cavado os buracos e colocada a muda e a coberta, então, de três a quatro anos eles davam frutos. Meu pai fez um guaranazal pra cada filho, antigamente, era muito guaraná que colhíamos, eram de toneladas, mas hoje né, nem se fala mais de guaraná, Maués não é mais a terra do guaraná e isso se deu com a desvalorização da mão de obra do guaraná produzido pelo povo da terra, pois compram o guaraná por um preço muito baixo e exportam por um valor altíssimo, quando essa empresa veio para Maués, afundou muita gente, acabou com nossa economia. Antes se tinha o hábito de tomar guaraná, eu tomo até hoje todos os dias pela manhã, mas se você for perguntar para a geração atual, eles não vão saber nem para o que serve. (ENTREVISTADO 4, 68 anos) [áudio digital].

Já para o entrevistado 5, os jovens além de perderem o interesse em tomar o guaraná, muitos não sabem nem quando é o tempo da colheita, muito menos querem dar continuidade ao plantio:

Olha hoje nem se vê mais falar de guaraná, antes era muito apreciado aqui, mas agora essa geração não sabe mais o que é bom, ninguém toma mais. Hoje nem se sabe mais qual é o mês que dá o fruto, depois que aquela empresa grande veio pra cá acabou tudo, desvalorizou o preço e fez quem vivia disso buscar outra forma de viver. (ENTREVISTADO 5, 76 anos) [áudio digital].

Nesses relatos observou-se a mudança sociocultural que o município de Maués vem sofrendo, mudanças essas causadas pelo progresso e pela falta de registro das narrativas, o que resulta em um apagamento cultural. Diante das

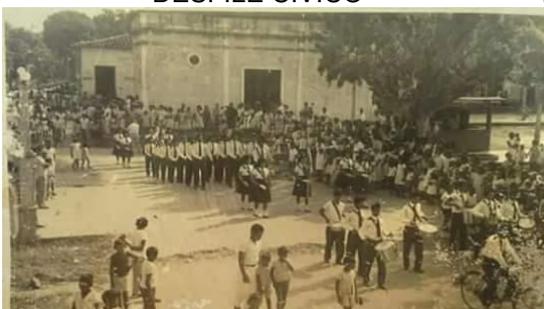
transformações que influenciam a cultura na atualidade, vê-se a importância do resgate cultural através da oralidade, onde os entrevistados retomam o que acham importante em falar sobre o tema “guaraná”, alguns falando positivamente, suas narrativas, mas outros usando da oralidade para denunciar que muitas tradições, estão sendo perdidas.

Enfatiza-se ainda, sobre as narrativas dos entrevistados quanto aos relatos históricos de sua cidade, marcados por situações que os mesmos tenham presenciado ou ouvido falar.

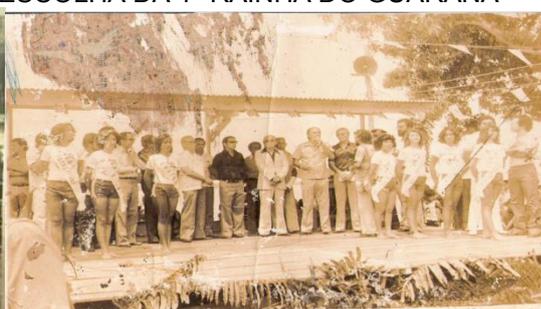
Para o entrevistado 5:

Gosto de falar sobre os feitos ocorridos na Praça Coronel João Verçosa, pois tudo acontecia ali. Era na Praça onde tudo acontecia, os comícios, a Festa do Divino quando chegavam autoridades aqui no município, era aí que se reunião, aconteciam também aí os desfiles cívicos, até hoje ainda acontecem, então a Praça Coronel João Verçosa era uma Praça que se tornava o centro do município, na verdade é um ponto de referência no município, se você observar, tem até um trapiche ainda onde aí os barcos ancoravam anteriormente, então a Festa da Padroeira da Cidade também acontece aí, que na verdade antigamente não acontecia que foi depois que a nossa diocese virou prelazia que foi homenageada a Paróquia de Maués que virou Divino Espírito Santo e Nossa Senhora da Conceição, a festa do Divino que também acontece aí é uma festa centenária, onde aí se reunia a Irmandade do Divino nessa Praça, pra visitar as casas, e sempre foi um ponto de encontro a Praça Coronel João Verçosa conhecida como a Praça da Matriz. Foi nela também que ocorreu a escolha da 1ª rainha do Guaraná. (ENTREVISTADO 5, 76 anos) [áudio digital].

DESFILÉ CÍVICO



ESCOLHA DA 1ª RAINHA DO GUARANÁ



Fonte: Geraldo Magela Fonseca/2019.

Há também as narrativas orais ligadas as festas tradicionais do município, passadas de geração em geração, como as folclóricas por exemplo, haja vista que muitas transformações foram ocorrendo ao longo dos anos:

Para o entrevistado 1:

A diferença das festas de antes pras festas de hoje é muito enorme, eu participava de festa boa, eu dançava muito, dançava discunforme e era variedade de dança, a gente ia lá pro União dançar [...] tinha garcinha, o bem-te-vi, o lobo guará. (ENTREVISTADO 1, 86 anos) [áudio digital].

Para o entrevistado 2, lembrar as grandes festas do município, é fazer uma retrospectiva especialmente ao mês de Junho, onde aconteciam as festas folclóricas da cidade:

[...] mês de junho era muito animado, era quadrilha, jaçanã, garcinha, bem-te-vi, guará [...] as apresentações era nas casas, a gente ia dançando nas casas que pagavam pra gente ir lá. Aí tinham o pessoal que cantava e era disputado, tinha o pessoal que tirava em primeiro lugar, segundo, assim era, era muito animado. E tinha sempre alguém que era responsável pelos de menores, a gente só podia ficar na rua até as 9 horas da noite, tinha o toque de recolhida né e quem passava disso ia preso, a cadeia ficava ali onde é o banco do brasil, e só saía com a autorização da autoridade e dos responsáveis.[...] a festa do guaraná a mais bonita, quem fundou foi o prefeito Carlos José Esteves, foi só quase a área indígena que apresentou, era mais eles mesmo que mostrava pra gente os costumes deles né, porque era eles que começaram a plantar o guaraná né, agora essas festa de hoje é qualquer um né, esqueceram os índios. (ENTREVISTADO 2, 93 anos) [áudio digital].

Já para o entrevistado 3:

A festa do divino aqui era muito bonita, era uma festa tradicional, uma das poucas que se tem até hoje, até hoje eu participo, vendo as cartelas de bingo pra ajudar né, sou uma ótima vendedora. [...] A cor vermelha e amarela do divino significa os fogos né, o poder do Espírito Santo que desceu como fogo, a bandeira é pra levar o poder do Espírito Santo nas casas, a gente toca os batuques, vai cantando e as pessoas vão ajudando, ofertam pra ser abençoado né, é agradecimento pela proteção. (ENTREVISTADO 3, 85 anos) [áudio digital].

Para o entrevistado 4:

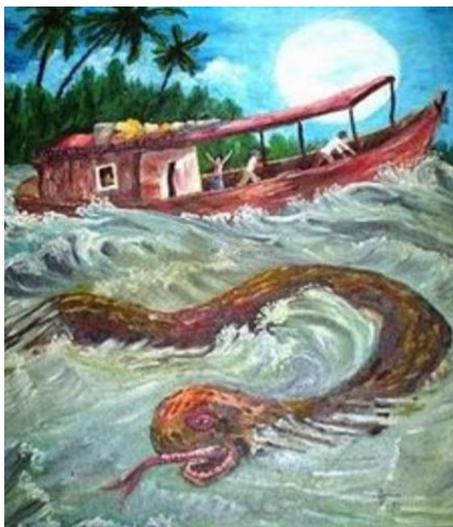
A festa do divino era uma das mais animadas, toda a comunidade participava, crianças, jovens, velhos, as ruas ficavam cheias, íamos de casa em casa e as pessoas davam os donativos em forma de agradecimento, mas hoje, a festa se tornou uma festa da terceira idade, ninguém segue mais como uma tradição mesmo, os jovens não participam mais por achar que isso é coisa de velho né [...], olha eu não sei te dizer de fato porque as pessoas usam vermelho, mas ao me ver é uma maneira de se vestir e serem identificados, acredito também que as cores estão relacionadas com o fogo do Espírito Santo, e o tambores, certa vez eu ouvi uma historiadora dizer que os tambores foram introduzidos nessa festa religiosa por conta dos escravos né, ela disse que os escravos eram obrigados a seguir a religião e eles tinham as crenças deles né, a crença africana, então esses escravos introduziram os tambores né, olha, nós somos uma mistura de crenças, você sabe disso, somos uma mistura de raças e cada coisa é composta de um pedacinho de cada um, essa questão dos tambores, eles utilizam mais nos terreiros e se você for parar para pensar, realmente, os batuques são iguais mesmo é isso que sei disso [...] essa festa é muito antiga viu, desde que me entendo por gente a mamãe já falava dessa festa, o cortejo vinha de barco né, era assim que era antigamente, era um barco com a coroa do divino que ia visitando as cidades e depois, não sei por qual motivo, passou a ser realizada pelas pessoas da cidade mesmo. (ENTREVISTADO 4, 68 anos) [áudio digital].

Em relação às narrativas coletadas sobre as festas que ocorriam no município, vale salientar que muitas delas acabaram se perdendo, pois atualmente,

as festas folclóricas de rua, ou em ambientes fechados, não são mais comuns no município.

Narrativas orais relacionados à cultura do folclore também foram outro ponto da entrevista, pois alguns entrevistados relataram sobre duas figuras importantes no folclore brasileiro, que é da cobra grande, aqui batizada por “Lenda do Anselmo” e sobre a “Lenda do Mapiquari”.

Lenda do Anselmo



Fonte:infoescola.com.br

Para o entrevistado 1:

Olha tinha uma senhora a dona laiá era mãe dele né, ele vazia muita estripulia aqui, ele era é muito animado, ele botava as pessoas pra dançar, nadar e tudo. Ele tinha uma cobra de estimação, ficava dizendo por ai que ele era encantado né, ele era a cobra, eu ia lá na casa da mãe dele que era lá perto da beirada e eu ficava conversando com ela, ele trazia era tudo pra ela, desde peixe, tracajá e tudo, mas ela não gostava dos procedimentos dele não, ele contava que ia lá no fundo do rio e lá se encontrava com outros bichos, e teve um dia que ele se transformou e não voltou mais, mas a mãe dele dizia que sempre ele voltava e trazia comida pra ela. (ENTREVISTADO 1, 86 anos) [áudio digital].

Para o entrevistado 4:

A minha mãe e meu pai contavam que o Anselmo existia mesmo, isso não é lenda não, é a história de um homem que viveu entre nós e ele hoje está bem velhinho, todo mundo dizia que ele vinha visitar a mãe dele a dona laiá, ele trazia peixes pra ela, ficava dizendo pra todo mundo que estava encantado em cobra e que um dia ia desaparecer, e foi isso que aconteceu, só já acharam a canoa dele aí perto da ilha. (ENTREVISTADO 4, 68 anos) [áudio digital].

Para o entrevistado 5:

O Anselmo era cumpadre do meu pai, padrinho da minha irmã, ele era um curandeiro e ficava dizendo que ele não ia morrer e ia desaparecer, aí inventou uma pescaria e só acharam a canoa dele e chapéu dele lá, dizem que ele se transformou em uma grande cobra, que gosta de alagar as embarcações. (ENTREVISTADO 5, 76 anos) [áudio digital].

Lenda do Mapinguari



Fonte:infoescola.com.br

Para o entrevistado 2:

Rapaz o Mapinguari é o protetor das matas. Tenho um parente que mora no interior, e pra lá pra aquelas bandas de Iunjura, o Mapinguari aparece de vez em quando. O primo do meu tio já ficou cara a cara com ele, quase morre de tanto susto, porque além dele ser muito grande, ele parece um macaco, com um olho enorme na testa, e a boca na altura do estômago. Ele tem uma fedentina que exala a distância, por isso os cabras quando estão caçando no meio da mata sobem nas árvores quando sentem o cheiro, pois ele não olha pra cima. (ENTREVISTADO 2, 93 anos) [áudio digital].

Para o entrevistado 3:

Eu gosto de contar essa história, porque aconteceu com meu pai. Eu era criança ainda, quando um dia meu pai chegou do mato sem falar nada, passou quatro dias sem falar nada, só dormia e tomava água. A minha mãe, já desconfiando que fosse alguma coisa que ele tivesse visto, mandou chamar a D.Lita, uma benzedeira que morava perto de casa. A mulher falou que era coisa encantada que meu pai tinha visto, e a coisa tinha feito ele perder os sentidos, que se não tratasse meu pai ia ficar maluco. Depois de alguns dias, a mulher continuou rezando na cabeça do meu pai, e ele então começou a ir melhorando, lembrando das coisas, até lembrar do que tinha visto. Ele dizia que nunca tinha visto coisa igual, que jamais iria esquecer o barulho dos galhos e árvores se quebrando, do fedor de coisa podre, e de como aquele bicho era igual a grande macaco, com um enorme olho e pelos escuros. “Eu nasci de novo”, dizia meu pai, “pois aquilo só não me matou porque eu me joguei no igarapé que passa por trás da nossa casa, fiquei lá umas duas horas, com medo de cobra e jacaré que engolirem, e só sair de lá quando o fedor passou. (ENTREVISTADO 3, 85 anos) [áudio digital].

Portanto, com base nos dados levantados, ressalta-se que as narrativas orais presentes nesta pesquisa, retratam o quanto os idosos contribuem de forma efetiva para que tenhamos através da oralidade, registros da memória, da cultura da identidade de um povo, que resguarda em partes as suas tradições, que ainda mantém vivo, mesmo que de forma parcial as histórias de seus antepassados, suas raízes, crenças, costumes e tradições, enfatizando sobre os valores históricos que permeia o município de Maués.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se com esta análise uma clara e explícita mudança nos aspectos de caráter físico, histórico e cultural do município retratados nas narrativas orais de muitos idosos, os quais por meio de seus relatos, retrataram aspectos que nos permitem afirmar que eles se encontram preocupados quanto a geração atual, pois muitos relataram que as tradições, os costumes e as crenças estão se perdendo.

Pelas observações citadas acima, também se faz necessário ressaltar sobre a relevância deste trabalho para a sociedade, uma vez que se nota mudanças de apagamento cultural, onde registros a respeito da história de Maués, sua cultura, costumes e suas mudanças, estão indo embora junto com os idosos.

Assim, é necessário que enfatizemos que esse resgate cultural e histórico pode se dar através da oralidade com os registros das memórias dos idosos, uma vez que possuem em suas memórias, um tesouro de uma vida cheia de experiências e conhecimentos que merecem e valem a pena serem transmitidos aos mais jovens.

É importante, que massifiquemos que conhecer e compreender a importância de manter viva a memória e os costumes do nosso povo é sem dúvida uma maneira de manter a identidade, é valorizar e preservar quem nós somos, nossas características, e por isso deve ser vista como um fator importante para a sociedade.

Portanto, o objetivo deste artigo foi alcançado visto que se fizeram-se registros de dados históricos sobre o município de Maués-Am e se obtiveram respostas às indagações particulares da pesquisadora. Porém, vale salientar que as considerações aqui apresentadas, também levantaram outros questionamentos que necessitam de análises contínuas e mais aprofundadas, deste modo, esta pesquisa acadêmica não

conclui este trabalho, pois trata-se de um tema que merece ser analisado por futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. Tradução Maria Zélia Barbosa Pinto. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: Leituras de operárias**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, p. 22; 55; 79, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 84, 1994.

BUSSATO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, p. 13, 2007.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1978.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1995.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MAUÉS – **Estudos Sociais**. Secretaria de Educação e Cultura do Amazonas, 1991.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. A literatura medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.